

A TRAJETÓRIA RECENTE DOS FLUXOS DE INVESTIMENTO EXTERNO DIRETO ENTRE BRASIL E ESTADOS UNIDOS: CARACTERÍSTICAS SETORIAIS E CONDICIONANTES ECONÔMICOS

Uallace Moreira Lima¹
Ivan Tiago M. Oliveira²

RESUMO

No início do século XXI, observou-se um relativo afastamento político do Brasil de parceiros tradicionais do país, particularmente alguns países desenvolvidos como os Estados Unidos, denotando uma posição de ampliação da diversificação de parcerias do país na cena internacional, com maior espaço em sua política externa para os emergentes. Nesse contexto, este artigo toma como hipótese a ser testada a ideia de que mesmo com um afastamento relativo em termos de política externa do Brasil em relação aos Estados Unidos, observou-se um movimento de aproximação efetiva no campo econômico-produtivo entre os dois países neste início de século.

Palavras-chave: Brasil; Estados Unidos; investimentos externos diretos.

RECENT TRAJECTORY OF FOREIGN DIRECT INVESTMENT FLOWS BETWEEN BRAZIL AND THE UNITED STATES: SECTORAL CHARACTERISTICS AND ECONOMIC DETERMINANTS

ABSTRACT

At the beginning of the twenty-first century, Brazilian foreign policy has chosen to increase the diversification of the country's political relations, focusing on its relations with emerging economies, like the BRICS, and distancing itself from traditional partners, particularly some developed countries like the United States. In this context, this article takes as a hypothesis to be tested the idea that even with a relative distancing of Brazil's foreign policy towards the United States, there was an effective approachment movement in the economic and productive field between the two countries in this new century.

Keywords: Brazil; United States; foreign direct investments.

JEL: F21; F23.

1. Pesquisador bolsista da Diretoria de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais (Dinte) do Ipea e professor adjunto da Faculdade de Economia da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

2. Coordenador de estudos em relações econômicas internacionais do Ipea.

1 INTRODUÇÃO

A atenção às relações do Brasil com economias emergentes, em especial com os países do Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (Brics), marcou a política externa brasileira desde o início do século XXI. Assim, observou-se um relativo afastamento político do Brasil de parceiros tradicionais do país, particularmente alguns países desenvolvidos como os Estados Unidos, denotando uma posição de ampliação da diversificação de parcerias do país na cena internacional.

Tendo por base esse cenário, este artigo toma como hipótese a ser testada a ideia de que mesmo com um afastamento relativo em termos de política externa do Brasil em relação aos Estados Unidos, observou-se um movimento de aproximação efetiva no campo econômico-produtivo entre os dois países neste início de século. Para tanto, busca-se analisar o processo de evolução e dinâmica dos investimentos estrangeiros diretos (IED) nos últimos anos entre Brasil e Estados Unidos, avaliando o volume de recursos e os principais setores de destino do IED dos Estados Unidos para o Brasil e do Brasil para os Estados Unidos. Com isso, busca-se, ainda, propor uma reflexão sobre o papel das relações entre Brasil e Estados Unidos para a política externa brasileira e a importância dos investimentos diretos entre os países para a compreensão de suas participações em cadeias de valor.

Para desenvolver esse argumento, dar-se-á foco sobre as relações produtivas que envolvem os investimentos externos diretos entre Brasil e Estados Unidos desde 2003 até 2015, com atenção especial aos novos investimentos (*greenfield*) e ampliações de plantas, com base nos dados da base do FDI Markets do Financial Times.

O texto se divide em quatro seções, incluindo esta introdução. A segunda seção apresenta um panorama da trajetória recente dos fluxos globais de IED, com ênfase nas transformações econômicas e políticas que possibilitaram a ascensão do Brasil como receptor desses investimentos. A terceira seção apresenta os principais dados e fatores condicionantes dos fluxos bilaterais de investimento entre Brasil e Estados Unidos no período de 2003 a 2015. A quarta seção conclui o trabalho destacando os fluxos de IED como evidência do maior grau de sinergia econômica entre Brasil e Estados Unidos nas últimas décadas, não obstante as limitações desse padrão de integração e as diferenças dos países no cenário político global.

2 CARACTERÍSTICAS E DETERMINANTES DA TRAJETÓRIA RECENTE DOS FLUXOS GLOBAIS DE IED E ASCENSÃO DO BRASIL COMO POLO RECEPTOR DE INVESTIMENTO EXTERNO³

A análise do IED entre Brasil e Estados Unidos passa, necessariamente, pela compreensão da dinâmica do IED na economia mundial, principalmente considerando o cenário internacional após a crise de 2008.

3. Segundo a nota metodológica do World Investment Report 2015, os dados de investimentos estrangeiros diretos (IED) são obtidos por meio das informações dos balanços de pagamentos dos países. O IDE é definido como um investimento que envolve uma relação de longo prazo, refletindo um interesse duradouro sobre o controle por um residente ou entidade de uma economia (investidor direto estrangeiro ou empresa) em uma empresa residente de uma economia diferente da do investidor estrangeiro direto (IED empresa ou da filial da empresa, ou da filial estrangeira). O IED implica que o investidor exerce um grau significativo de influência na gestão da empresa residente de outra economia. Tal investimento envolve tanto a operação inicial entre duas entidades quanto todas as transações subsequentes entre a empresa e as filiais estrangeiras, ambas incorporadas e sem personalidade jurídica. Os fluxos de IDE incluem o capital fornecido (diretamente ou por meio de outras empresas relacionadas) por um investidor estrangeiro direto para uma empresa de IED ou o capital recebido de uma empresa de IDE por um investidor estrangeiro direto. O IDE tem três componentes: capital, lucros reinvestidos de capital e empréstimos intraempresa. *i)* O capital social é o investidor estrangeiro direto da compra de ações de uma empresa em um país diferente da sua; *ii)* Os ganhos reinvestidos incluem do investidor direto ação (em proporção à participação acionária direta) de ganhos não distribuídos, como dividendos pelas filiais ou ganhos não remetidos para o investidor direto. Tais lucros acumulados por filiais são reinvestidos; *iii)* Os empréstimos intraempresas ou dívida intraempresa referem-se a operações de curto ou empréstimos a longo prazo e repasse de recursos entre investidores diretos (empresas matrizes) e empresas afiliadas. É importante mencionar que estoque de IED é o valor da parcela do seu capital e reservas (incluindo lucros retidos) atribuíveis à empresa matriz mais o endividamento líquido de afiliados. Fluxo de IED e estoque utilizados pelo World Investment Report 2015 nem sempre são definidos como citado porque essas definições são muitas vezes não aplicáveis a dados desagregados de IDE. Por exemplo, na análise de tendências e padrões geográficos e industriais IED também podem ser utilizados dados com base em aprovações de IED porque permitem uma desagregação no país ou nível da indústria.

Nesse sentido, o relatório anual de investimentos World Investment Report 2015, da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (Unctad) apresenta dados relevantes para a compreensão da dinâmica do fluxo de IED entre Brasil e Estados Unidos. Segundo o relatório, em 2014, os fluxos mundiais de investimento estrangeiro direto apresentaram uma queda de 16% em relação a 2013, passando de US\$ 1,47 trilhão para US\$ 1,23 trilhão.

Essa queda do fluxo mundial de IED está associada a um cenário em que desde a crise de 2008 o IED registrou variações positivas em 2010, 2011 e 2013. Segundo a Unctad, os principais motivos que explicam a forte reversão no fluxo de IED, em 2014, foram a fragilidade da economia global e a correspondente elevação dos riscos e incertezas que passaram a predominar. Além do mais, afirma a Unctad, é relevante considerar que o movimento dos investimentos estrangeiros é particularmente negativo e instável porque também está associado a uma dinâmica regular e baixa entre 2008 e 2014 de outras variáveis macroeconômicas, sendo que na passagem de 2013 para o 2014 a economia mundial teve um baixo dinamismo com aumento do produto interno bruto (PIB) de apenas 2,6%, do comércio de 3,4%, da formação bruta de capital fixo com 2,9% e do emprego com 1,3%, indicadores estes que configuram um cenário que predominou desde a crise de 2008.

É importante lembrar que essa oscilação e queda do IED na economia mundial reflete também o estado de alerta das empresas multinacionais para efetivar novos investimentos, assim como a reestruturação interna que elas vêm sofrendo, qual seja: passa pela reestruturação do portfólio de ativos, ou a realocação de atividades e tarefas, ou até o desinvestimento.

Esse cenário após a crise de 2008 afetou principalmente as economias europeias; também Estados Unidos e, nos últimos anos, as economias da América Latina, particularmente o Brasil, o qual vem apresentando nos últimos anos um baixo crescimento econômico, fato este agravado mais ainda em 2015 quando o país tem uma projeção de crescimento econômico de -1,5%.

O relatório da Unctad apresenta a análise do fluxo do IED do ponto de vista da entrada e da saída. Desta forma, pelo lado das entradas de IED, a composição no mundo continua mais favorável aos países em desenvolvimento, enquanto se observa uma expressiva redução da participação dos países desenvolvidos na entrada de IED. Entretanto, é importante observar que as economias em desenvolvimento tiveram maior ingresso de IED em 2014 por conta do incremento de investimentos na Ásia em desenvolvimento (9%), pois caiu na África (-5% no Norte e -5% na subsaariana) e na América Latina (14%).

A América Latina registrou variação negativa de 14,4% após quatro anos consecutivos de alta, devido essencialmente à queda de quase 80% nas fusões e aquisições na América Central e Caribe. A maior parte dos países latino-americanos experimentou retração no ingresso de IED, com exceção do Chile. O Mercosul permaneceu com uma fatia de 6% dos ingressos de IED mundiais, porém assinalou queda de US\$ 83 bilhões em 2013 para US\$ 73 bilhões em 2014. Especificamente o Brasil teve queda de 2,3%, já que a reversão nos investimentos do setor primário compensou ao maior fluxo destinado aos setores de indústria de transformação e serviços.

Do ponto de vista da saída de IED, o IED das empresas com base nos países desenvolvidos permanece representando a maior fatia mundial, totalizando US\$ 823 bilhões. Em 2014 aumentaram as saídas de IED dos Estados Unidos, Alemanha e França. Por outro lado, houve queda do IED com origem no Japão, Reino Unido e Luxemburgo.

Já nos países em desenvolvimento, as empresas multinacionais aumentaram seus investimentos no exterior em 23% em relação a 2013, somando US\$ 468 bilhões. De 2007 a 2014 sua participação nas saídas de IED cresceu de 13% para 35%, tanto por meio de investimentos *greenfield* quanto por meio de fusões e aquisições. Dos US\$ 468 milhões em IED de origem dos países em desenvolvimento, US\$ 432 proveem da Ásia, com uma taxa de crescimento de 29% entre 2013 e 2014. Com isso, a região passou a ser a maior como origem de investimentos na comparação geográfica, principalmente considerando o papel de destaque de Hong Kong (China), que passou a ser o segundo maior no *ranking* dos países origem de IED, especialmente por causa da atividade de fusões e aquisições na região asiática.

Por outro lado, os países da América Latina, excluindo-se os centros financeiros *offshore*, diminuíram em 23%, em 2014, suas saídas de IED. Essa queda foi puxada pelo México, Colômbia e Brasil. Em relação a economia brasileira, é relevante notar que as saídas de IED do Brasil apresenta queda há quatro anos consecutivos.

Os indicadores da Unctad podem ser interpretados não apenas como dados conjunturais, mas também como mudanças estruturais no cenário da economia global, com as economias em desenvolvimento passando a ter maior relevância na economia mundial em detrimento da queda da centralidade das economias dos países desenvolvidos, principalmente da região europeia. Essa mudança estrutural propicia oportunidades para uma maior inserção dos países das economias em desenvolvimento como origem e saída do IED. Outro ponto relevante é que a ascensão da China na economia mundial apresenta uma nova alternativa para os países em desenvolvimento em construir novas relações comerciais e políticas, reduzindo a centralidade e dependência em relação aos Estados Unidos, como tem sido a estratégia adotada nos últimos anos pelo Brasil.

Segundo Vigevani (2011), nos últimos vinte anos, a partir da queda do Muro de Berlim e do fim da União Soviética, o fim da bipolaridade tal qual entendida ao longo de todo o período da Guerra Fria, o fim da expansão de uma parte dos valores considerados ocidentais, como a democracia política, o fim da expansão do comércio internacional e as mudanças havidas reduziram em termos relativos o papel dos países centrais – particularmente o papel dos Estados Unidos – e aumentaram o de alguns países antes periféricos, sobretudo, o da China, mas também o do Brasil. Na verdade, essas transformações do cenário mundial influenciaram na condução da política internacional do Brasil, buscando uma maior diversificação em suas relações internacionais e comerciais nos últimos anos.

Na verdade, algumas mudanças no cenário internacional devem ser compreendidas para o entendimento de como o Brasil passou a desenvolver sua política internacional, principalmente em relação aos Estados Unidos. Entre as principais transformações, cabe destacar: *i*) o processo de intensificação do unilateralismo norte-americano na primeira década do século XXI; *ii*) o impacto da ascensão da China; *iii*) a valorização das *commodities* agrícolas a partir de 2003, tendência que não parece alterada pela crise financeira e econômica iniciada no segundo semestre de 2008; *iv*) a reestruturação dos eixos de desenvolvimento mundial, em particular o papel de Índia, Rússia e África do Sul; *v*) o crescimento dos fluxos de comércio para países que até 1990 não eram relevantes para o Brasil; *vi*) o papel atribuído pelo Brasil às negociações econômicas multilaterais, inclusive na fase imediatamente posterior à crise de 2008, evidenciado pela participação ativa do país no Grupo dos Vinte (G20) financeiro; e *vii*) a consolidação de um cenário regional, no Mercado Comum do Sul (Mercosul), na América do Sul e Latina, onde não há liderança, mas criam-se condições favoráveis para um diálogo construtivo e forte com os Estados Unidos.⁴

4. Ver Vigevani (2011).

Vigevani (2011) afirma que os movimentos brasileiros em diferentes cenários internacionais, tais como meio ambiente e G20 financeiro, sinalizam um interesse afirmativo, proativo, que encontra sustentação interna e só poderia ser paralisado se houvesse retrocessos protecionistas e nacionalistas originados nos países centrais ou mesmo na China. Essa análise tem a ver diretamente com as relações que vêm sendo construída entre Estados Unidos e Brasil nos últimos anos: seu nível amigável caminha paralelamente ao fortalecimento do multilateralismo. Nas relações com os Estados Unidos, busca-se o fortalecimento da cooperação no quadro multilateral e bilateral. Ao mesmo tempo, há uma constante busca de instrumentos que visa proteger e fortalecer a posição brasileira no caso de dificuldades ou de confrontação.

3 ANÁLISE SETORIAL DOS FLUXOS DE IED ENTRE BRASIL E ESTADOS UNIDOS NO PERÍODO 2003-2015⁵

Para fortalecer essa relação entre Brasil e Estados Unidos é importante destacar o papel das empresas norte-americanas instaladas no Brasil e o conseqüente comércio intrafirmas por elas realizado, que pode ser comprovado com os indicadores que serão analisados. Por outro lado, o interesse dos empresários brasileiros pelos Estados Unidos também é um importante indicativo para a compreensão dessas relações. A Confederação Nacional da Indústria (CNI) e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) abriram, em 2005, escritório em Washington, o Brazil Industries Coalition (BIC), que tem o papel de acompanhar de perto as negociações comerciais de que participam os Estados Unidos, seus mecanismos de formulação, particularmente o United States Trade Representative (USTR) e agir como *lobby* dos interesses empresariais, particularmente dos industriais. Em São Paulo é muito ativa a American Chamber of Commerce for Brazil (Amcham), nesse caso trata-se de estrutura para articular os interesses empresariais norte-americanos, que existe há muitos anos.

Esse cenário contribui para a compreensão dos indicadores do Brasil e Estados Unidos em relação ao investimento externo direto entre os dois países. Em relação aos investimentos do Brasil nos Estados Unidos, conforme mostra a tabela 1, há uma dinâmica irregular e instável de crescimento e queda entre 2003 e 2015, tanto em termos de número de projetos quanto em termos de geração de emprego e capital investido. Entre 2003 e 2015 houve a implementação de 130 projetos de

5. A análise de investimentos estrangeiros diretos entre Brasil e Estados Unidos é feita com base no relatório FDI Markest.com Crossborder Investment Monitor, do Financial Times (FDI Intelligence). O relatório apresenta indicadores sobre o investimento estrangeiro direto *greenfield* realizado por todas as empresas do Brasil que investem nos Estados Unidos e as empresas dos Estados Unidos que investem no Brasil entre janeiro de 2003 e abril de 2015. Todos os dados e informações sobre projetos de investimentos são com base em informações públicas sobre anúncios de investimentos das empresas do Brasil e dos Estados Unidos. Em algumas situações, em que as informações não estão disponíveis nos projetos de investimentos das empresas, o relatório inclui valores estimados dos capitais investidos e do número de postos de trabalho criados. O uso dos dados do relatório do Financial Times (FT) é complementar ao uso dos dados do relatório da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (em inglês, United Nations Conference on Trade and Development – Unctad), pois enquanto os dados da Unctad têm uma definição mais ampla em relação ao fluxo de IED, como mostrado na nota de rodapé nº 3, e também está limitado à análise do fluxo de IED no ano de 2014, o relatório do FT tem como foco a análise dos investimentos *greenfield* e é concentrado na análise dos IED entre Brasil e Estados Unidos. Além do mais, é importante mencionar que o próprio relatório World Investment Report 2015 da Unctad, utiliza os dados do FT para analisar os investimentos *greenfield*, como atesta a nota metodologia do World Investment Report 2015: “Data on greenfield investment projects used in the Report are based on the information provided by FDI markets of Financial Times” (Unctad, 2015). O uso dos dados do relatório do FT permite qualificar a dinâmica dos investimentos estrangeiros diretos na economia mundial do relatório da Unctad, principalmente levando em consideração o investimento *greenfield*.

investimento externo do Brasil nos Estados Unidos, gerando 11.549 mil empregos e um volume de capital total investido de US\$ 4.638 bilhões.

Em 2003 havia apenas três projetos de empresas brasileiras nos Estados Unidos, com um volume de investimento de US\$ 46 milhões e gerando 242 empregos. Até 2008, em termos de número de projetos, o ano de 2008 tem um salto para treze projetos de investimentos, com um capital investido de US\$ 529 milhões e com 1.875 mil empregos gerados. Mas ao se considerar em termos de valores investidos, entre 2003 e 2008, é em 2006 que se alcança o maior valor, com um volume de capital investido de US\$ 562 milhões, com apenas seis projetos e gerando 1.017 mil empregos.

TABELA 1

Investimento estrangeiro direto do Brasil nos Estados Unidos (2003-2015)

Ano	Número de projetos	Empregos criados		Capital investido (US\$ milhões)	
		Total	Média	Total	Média do total investido por empresa
2015 ¹	5	269	53	98	20
2014	16	821	51	403	25
2013	17	1.962	115	476	28
2012	16	732	45	272	17
2011	21	2.224	105	978	47
2010	9	637	70	151	17
2009	5	416	83	297	59
2008	13	1.875	144	529	41
2007	10	707	70	338	34
2006	6	1.027	171	562	94
2005	4	224	56	36	9
2004	5	413	82	452	90
2003	3	242	80	46	15
Total	130	11.549	88	4.638	496

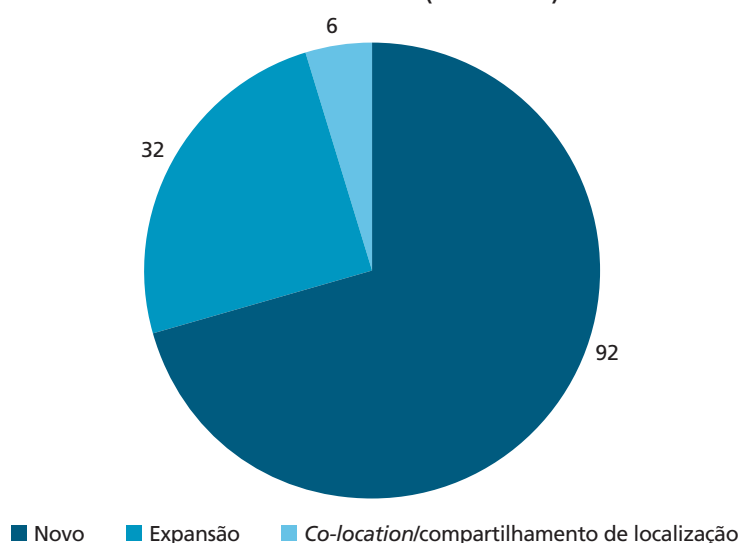
Fonte: FDI Intelligence, Financial Times.

Nota: ¹ Os valores referentes ao ano de 2015 estão limitados ao período de janeiro a abril.

Com a crise econômica internacional em 2008, em 2009 há uma forte queda em todos os indicadores, com o número de projetos caindo de treze, em 2008, para cinco, em 2009; a geração de empregos caiu de 1.875 mil, em 2008, para 416 em 2009; e o capital investido saiu de US\$ 529 milhões para 297 US\$ 297 milhões. A partir de 2010 os indicadores apontam para uma forte recuperação, com o ano de 2011 alcançando o maior valor de capital investido entre 2003 e 2015, um capital de US\$ 978 milhões, com 21 projetos e 2.224 mil empregos gerados. Após 2011 chama atenção a queda em termos de número de projetos e capital investido, fato este que pode estar relacionado à dinâmica interna da economia brasileira e não à performance da economia americana, tendo em vista que, mesmo em um ritmo lento, ela tem apresentado sinais de recuperação após a crise de 2008.

Quando se considera o tipo de investimento que o Brasil tem realizado nos Estados Unidos entre 2003 e 2015, como pode ser observado no gráfico 1, dos 130 projetos, 92 (70,8%) dos projetos foram novos investimentos, 32 (24,6%) foram investimentos em expansão e apenas seis (4,6%) foram projetos de *co-location*. Esses dados apontam para o forte interesse das empresas brasileiras no mercado americano, principalmente do ponto de vista de investimento *greenfield*.

GRÁFICO 1

Tipos de investimentos do Brasil nos Estados Unidos (2003-2015)¹

Fonte: FDI Intelligence, Financial Times.

Nota: ¹ Os valores referentes ao ano de 2015 estão limitados ao período de janeiro a abril.

Em relação às dez principais empresas que têm realizado investimentos nos Estados Unidos, existem oito empresas privadas e duas empresas estatais, como mostra a tabela 2. Este fato mostra a relevância do Brazil Industries Coalition (BIC) e da American Chamber of Commerce for Brazil (Amcham) em facilitar a relação entre Brasil e Estados Unidos, tanto para o setor privado quanto para os seus respectivos governos. As empresas líderes em termos de número de projetos realizados nos Estados Unidos são a Gerdau e a JBS, com onze projetos de investimentos cada. No caso da Gerdau, esses projetos representam 36,6% do total de investimentos realizados pela empresa no exterior. Por sua vez, no caso da JBS, seus onze projetos nos Estados Unidos representam 73,3% do volume total de seus investimentos na economia global, o que evidencia a relevância do mercado norte-americano para a empresa. A Embraer é a terceira empresa brasileira com maior quantidade de projetos nos Estados Unidos, com um total de nove iniciativas que representam 50% do total de seus investimentos na economia mundial.

TABELA 2

Investimentos do Brasil nos Estados Unidos segundo número de projetos por empresas (2003-2015)¹

Empresa	País de origem	Número de projetos na economia mundial	Número de projetos nos Estados Unidos	Participação dos Estados Unidos nos projetos (%)
Gerdau	Brasil	30	11	36,6
JBS	Brasil	15	11	73,3
Embraer	Brasil	18	9	50,0
Banco do Brasil	Brasil	21	6	28,5
Petrobras	Brasil	44	3	6,8
Odebrecht	Brasil	17	3	17,6
Sabo	Brasil	7	3	42,8
Stefanini IT Solutions	Brasil	20	3	15,0
DK Diagnostics	Brasil	3	3	100,0
BTG Pactual	Brasil	12	3	25,0

Fonte: FDI Intelligence, Financial Times.

Nota: ¹ Os valores referentes ao ano de 2015 estão limitados ao período de janeiro a abril.

As empresas que ocupam a quarta e a quinta posições entre as maiores com investimentos nos Estados Unidos são as estatais Banco do Brasil e Petrobras. O Banco do Brasil tem seis investimentos em novos projetos, o que representa 28,5% dos seus investimentos na economia mundial e a Petrobras tem um investimento em três projetos, apenas 6,8% dos seus investimentos na economia mundial. As outras cinco empresas têm apenas três projetos de investimentos nos Estados Unidos, chamando atenção a DK Diagnostics (empresa de tecnologia e facilidades na rotina dos exames laboratoriais), que tem nos Estados Unidos seu principal mercado de destino dos seus investimentos na economia global.

Ao ser levado em consideração o volume de capital e geração de empregos pelas empresas que realizaram seus investimentos nos Estados Unidos, como mostra a tabela 3, é notável que o maior volume de capital investido é da estatal Petrobras com um valor de US\$ 1.213 bilhão e gerando 1.153 empregos. A segunda empresa com maior investimento é a JBS com investimento US\$ 526 milhões e 1.273 mil empregos criados. A Gerdau tem o maior terceiro valor de investimento com US\$ 362 milhões e gerando 651 empregos. Esses indicadores, considerando investimento e geração de empregos, apontam para a hipótese de que não é a quantidade de projetos que determina o maior volume de investimentos, mas sim a proporção e relevância do projeto, como é o caso da Petrobras que tem menor quantidade de projetos, mas valores que colocam a empresa como a empresa com maior relevância entre as empresas brasileiras no mercado americano na realização de investimentos.

TABELA 3

Investimentos do Brasil nos Estados Unidos segundo número de empregos criados e capital investido (2003-2015)¹

Empresa	Empregos criados		Capital investido (US\$ milhões)	
	Total	Média por projeto	Total	Média
Gerdau	651	59	362	33
JBS	1.273	115	526	48
Embraer	1.015	112	184	21
Banco do Brasil	228	38	59	10
Petrobras	1.153	384	1.213	404
Odebrecht	221	73	107	36
Sabo	257	85	67	22
Stefanini IT Solutions	339	113	22	7
DK Diagnostics	20	6	8	3
BTG Pactual	194	64	59	20

Fonte: FDI Intelligence, Financial Times.

Nota: ¹ Os valores referentes ao ano de 2015 estão limitados ao período de janeiro a abril.

A análise dos investimentos segundo setor de atividade, como consta na tabela 4, permite fazer cruzamentos de dados relevantes que confirma a ideia de que não é a quantidade de projetos que determina o maior volume de investimentos nem destaque da empresa no mercado americano, mas sim a proporção e relevância do projeto. Se for considerado o valor dos investimentos e empregos criados, o setor de carvão, petróleo e gás natural tem apenas cinco projetos de investimentos, mas um volume de capital investido de US\$ 1.254 bilhão, gerando 1.271 mil empregos. Desses cinco projetos, três deles são realizados pela Petrobras, mostrando mais uma vez o destaque que a estatal brasileira tem no mercado dos Estados Unidos.

Já se for considerado a quantidade de projetos de investimentos no mercado americano por empresas brasileiras, o setor de serviços de *software* e tecnologia de informação é o líder com 21 projetos, um capital investido de US\$ 155 milhões e com 1.218 empregos criados. Observa-se que esse setor tem um grande número de projetos e muitos empregos criados, mas um capital investido muito abaixo de outros setores. Os setores de metal e serviços financeiros têm o mesmo número de projetos implementados nos Estados Unidos, quatorze ao longo do período. O setor de metal tem um capital investido de US\$ 447 milhões e 980 empregos criados, enquanto o setor de serviços financeiros investiu US\$ 159 milhões e criou 586 empregos.

TABELA 4

Investimentos do Brasil nos Estados Unidos segundo setor de atividade (2003-2015)¹

Setor	Número de projetos	Empregos criados		Capital investido (US\$ milhões)	
		Total	Média	Total	Média
Serviços de <i>software</i> e tecnologia da informação	21	1.218	58	155	7
Metal	14	980	70	447	32
Serviços financeiros	14	586	41	159	11
Alimentos e fumo	12	1.366	113	297	25
Aeroespacial	10	1.065	106	262	26
Química	9	315	35	351	39
Carvão, petróleo e gás natural	5	1.271	254	1.254	251
Têxtil	5	1.311	262	386	77
Plásticos	4	175	43	127	32
Componentes automotivos	4	307	76	39	10
Outros setores	32	2.955	92	1.162	36
Total	130	11.549	88	4.639	36

Fonte: FDI Intelligence, Financial Times.

Nota: ¹ Os valores referentes ao ano de 2015 estão limitados ao período de janeiro a abril.

Outro fato relevante nos dados de investimentos segundo setores das empresas brasileiras nos Estados Unidos é o fato de que entre os dez principais setores considerados na tabela 4, quase todos estão associados a atividade produtiva, como é o caso de metal, alimentos e fumo, aeroespacial, química, carvão, petróleo e gás natural, têxtil, plásticos e componentes automotivos, ou seja, dos dez setores mais relevantes, oito são considerados produtivos. Apenas serviços de *software* e tecnologia da informação e serviços financeiros são setores integrantes do setor de serviços. Esse dado não segue a tendência dos fluxos de IED na economia internacional, como mostram os dados dos World Investment Report da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (em inglês, United Nations Conference on Trade and Development – Unctad) que apontam para um predomínio e expansão do IED no setor de serviços. No caso dos IED das empresas brasileiras, majoritariamente são investimentos na atividade produtiva.

Se as empresas brasileiras tiveram 133 projetos implementados nos Estados Unidos entre 2003 e 2015, as empresas americanas tiveram um total de 999 projetos durante o mesmo período, contabilizando um volume de capital investido de US\$ 70.095 bilhões e gerando 142.899 mil empregos.

Comparando com os dados dos investimentos das empresas brasileiras nos Estados Unidos, é nítido a superioridade dos investimentos das empresas americanas no Brasil, fato este que não deve ser surpreendente ao ser considerado a força da economia americana na economia mundial e sua presença histórica nos países da América Latina.

Os dados da tabela 5 mostram que mesmo com a crise de 2008, os investimentos dos Estados Unidos no Brasil tiveram continuidade de crescimento, já que em 2003 havia 83 projetos, com um investimento de US\$ 5.546 bilhões e gerando 15.490 mil empregos. Em 2008, após um período de queda do número de projetos implementados no Brasil entre 2004 e 2007, o número de projetos voltou a crescer justamente no ano da crise e continuou crescente em 2009 e nos anos seguintes. Em 2011, é o ápice do número de projetos e valores investidos. Nesse ano houve 148 projetos de IED dos Estados Unidos no Brasil com um capital investido de US\$ 10.089 bilhões, gerando 18.884 mil empregos.

TABELA 5

Investimento estrangeiro direto dos Estados Unidos no Brasil (2003-2015)¹

Ano	Número de projetos	Empregos criados		Capital investido (US\$ milhões)	
		Total	Média	Total	Média do total investido por empresa
2015	21	1.927	91	532	25
2014	95	7.782	81	5.440	57
2013	90	7.663	85	5.784	64
2012	122	13.354	109	6.332	52
2011	148	18.884	127	10.089	68
2010	102	18.264	179	7.931	78
2009	78	16.102	206	6.756	87
2008	68	17.723	260	8.963	132
2007	47	3.917	83	2.196	47
2006	53	6.895	130	4.772	90
2005	42	8.227	195	3.483	83
2004	50	6.67	133	2.271	45
2003	83	15.49	186	5.546	67
Total	999	142.898	143	70.095	70

Fonte: FDI Intelligence, Financial Times.

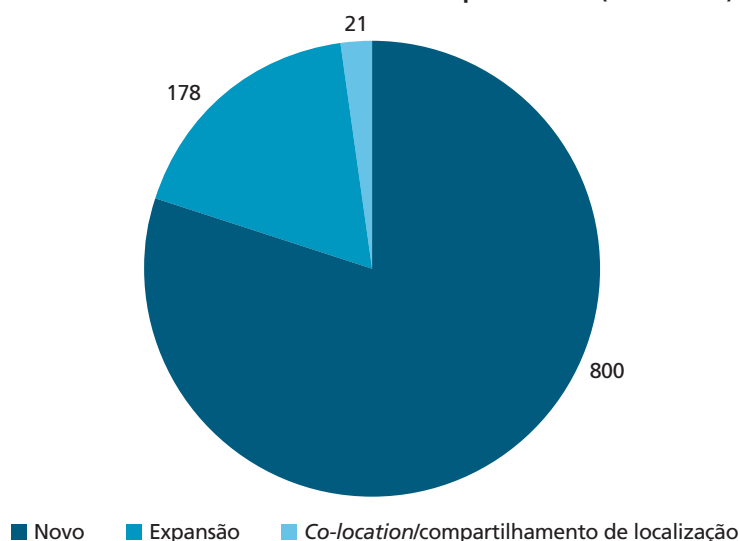
Nota: ¹ Os valores referentes ao ano de 2015 estão limitados ao período de janeiro a abril.

Entretanto, a partir de 2012, começa a ter um declínio considerável nos projetos implementados aqui no Brasil pelas empresas americanas, quando se observa que em 2012 tinham 122 projetos sendo realizados no país e cai para 95 projetos em 2014, e em 2015 contabilizando de janeiro até abril só há 21 projetos. Ao mesmo tempo em que se reduziu o número de projetos das empresas dos Estados Unidos no Brasil, caiu também o volume de capital investido, saindo de US\$ 10.089 bilhões em 2011 para apenas US\$ 5.440 bilhões em 2014, e um nível muito baixo ainda até abril de 2015 (US\$ 532 milhões).

Essa queda acontece justamente no período em que a economia brasileira apresentou uma baixa taxa de crescimento econômico, o que torna menos atrativo os investimentos não apenas dos Estados Unidos, mas também de outros países. É importante observar que a queda dos IED no Brasil de origem dos Estados Unidos entre 2012 e 2014 em decorrência da baixa atividade econômica aconteceu também no período entre 2004 e 2006 no Brasil. Outro fato relevante que explica a queda do IED dos Estados Unidos no Brasil é a tentativa do país de reduzir a centralidade dos Estados Unidos para o Brasil buscando relações econômicas e políticas com outras nações com o intuito de tornar a política internacional mais autônoma e em defesa do multilateralismo, o que levou o Brasil a ampliar suas relações com os países da América Latina, asiáticos e africanos.

Do total dos 999 projetos implementados pelas empresas americanas entre 2003 e 2015, como mostra o gráfico 2, oitocentos projetos (80,1%) são novos investimentos, ou seja, majoritariamente o IED dos Estados Unidos no Brasil são *greenfield*, criando nova capacidade produtiva. Cento e setenta e oito projetos (17,8%) foram investimentos em expansão da capacidade produtiva já existente, e apenas 21 projetos (2,1%) são investimentos de *co-location*. Esses dados deixam mais em evidência a importância do IED americano na economia brasileira, à medida que uma grande parte desse IED é investimento em criação de nova capacidade produtiva.

GRÁFICO 2

Tipos de investimento dos Estados Unidos no Brasil em quantidades (2003-2015)¹

Fonte: FDI Intelligence, Financial Times.

Nota: ¹ Os valores referentes ao ano de 2015 estão limitados ao período de janeiro a abril.

De acordo com os dados da tabela 6, a International Business Machines (IBM) é a empresa americana com o maior número de projetos no Brasil, com 23 projetos realizados entre 2003 e 2015. Esse total equivale a 3,9% dos projetos da empresa na economia mundial. A General Motors (GM), com 21 projetos, fica na segunda posição com maior número de projetos no Brasil, o que representa 6,2% dos projetos da empresa na economia global, apontando para o fato de que o Brasil é um mercado mais relevante para esta empresa do que para a IBM. Em terceiro lugar fica a General Electric (GE) com vinte projetos, equivalentes a 3,8% do total de suas iniciativas na economia global.

TABELA 6

Investimentos dos Estados Unidos no Brasil segundo número de projetos por empresas (2003-2015)¹

Empresa	País de origem	Número de projetos na economia mundial	Número de projetos no Brasil	Participação do Brasil nos projetos (%)
IBM	Estados Unidos	578	23	3,9
General Motos (GM)	Estados Unidos	338	21	6,2
General Eletric (GE)	Estados Unidos	523	20	3,8
Cargill	Estados Unidos	182	18	9,8
Bunge	Estados Unidos	33	10	30,3
Microsoft	Estados Unidos	334	10	2,9
United Parcel Services (UPS)	Estados Unidos	190	10	5,2
Praxair	Estados Unidos	88	10	11,3
Ford	Estados Unidos	263	9	2,4
Archer Daniels Midland	Estados Unidos	61	9	14,7

Fonte: FDI Intelligence, Financial Times.

Nota: ¹ Os valores referentes ao ano de 2015 estão limitados ao período de janeiro a abril.

Três empresas têm no mercado brasileiro um dos principais destinos dos seus investimentos: Bunge, Praxair e a Archer Daniels Midland. A Bunge, empresa de alimentos e de agronegócio, tem dez projetos de investimentos no Brasil, o que equivale a 30,3% do total de seus projetos de investimento. A Praxair, empresa de gás, tem dez projetos no Brasil, 11,3% dos seus projetos de investimentos globais. A Archer Daniels Midland, por sua vez, empresa que transforma grãos de cereais e plantas oleaginosas em inúmeros produtos utilizados na alimentação, bebidas, indústrias e forragem animal para mercados em todo o mundo, tem nove projetos no Brasil, representando 14,7% dos seus projetos de investimentos na economia global. Essas empresas que têm no Brasil um dos seus principais mercados, todas atuam no setor que o país tem vantagem competitiva, ou seja, no setor de *commodities*.

Embora a IBM seja a líder, em termos de número de projetos implementados no país, em termos de valores, como mostra a tabela 7, ela não é a empresa com o maior volume de capital investido, nem a que gera mais empregos, já que durante esse período a IBM teve um investimento de US\$ 889 milhões e gerou 3.098 empregos. A empresa com o maior volume de capital investido é a General Motors (GM) com US\$ 5.674 bilhões, gerando 15 mil empregos entre 2003 e 2015. A Archer Daniels Midland é a segunda empresa com maior capital investido no país, com US\$ 2.406 bilhões e 1.082 empregos criados. Mesmo considerando que a Ford seja uma empresa com um número de projetos pequeno no país, quando se considera o capital investido, ela ocupa a terceira posição com um capital investido de US\$ 2.049 bilhões e 6.081 empregos criados. A quarta empresa com maior capital investido é a Bunge, com US\$ 1.536 bilhão e a geração de 2.041 mil empregos.

TABELA 7

Investimentos dos Estados Unidos no Brasil segundo número de empregos criados e capital investido (2003-2015)¹

Empresa	Empregos criados		Capital investido (US\$ milhões)	
	Total	Média por projeto	Total	Média
IBM	3.908	169	889	39
General Motos (GM)	15	714	5.674	270
General Eletric (GE)	3.008	150	530	27
Cargill	2.072	115	770	43

(Continua)

(Continuação)

Empresa	Empregos criados		Capital investido (US\$ milhões)	
	Total	Média por projeto	Total	Média
Bunge	2.041	204	1.536	154
Microsoft	1.678	167	697	70
United Parcel Services (UPS)	113	11	114	11
Praxair	673	67	316	32
Ford	6.081	675	2.049	228
Archer Daniels Midland	1.082	120	2.406	267

Fonte: FDI Intelligence, Financial Times.

Nota: ¹ Os valores referentes ao ano de 2015 estão limitados ao período de janeiro a abril.

Assim como acontece com as empresas brasileiras, os indicadores de investimento e geração de empregos deixam nítidos que não é a quantidade de projetos que determina o maior volume de investimentos, mas sim a proporção e relevância do projeto, como mostram os dados para as empresas da Bunge, Ford e Archer Daniels Midland. Como já mencionado, a Bunge e a Archer Daniels Midland são empresas que atuam em setores que o Brasil tem vantagem competitiva, o que facilita e atrai mais os investimentos para esses setores. Já a Ford é uma empresa tradicional e de longa trajetória no Brasil, o que aponta para riscos menores em seus investimentos e também por ter um mercado de automóveis em grande expansão no país nos últimos anos.

Quando se considera os investimentos segundo o setor de atividade, como consta na tabela 8, o principal setor com maior valor de capital investido é o de comunicação, com US\$ 14.737 bilhões, 83 projetos e 7.488 mil empregos gerados. O segundo setor com maior capital investido é o de metais, com US\$ 8.971 bilhões, 32 projetos e 12.624 mil empregos gerados. O terceiro setor que tem o maior investimento é o automotivo, com US\$ 8.030 bilhões, 34 projetos e 22.827 empregos criados, setor que lidera a geração de empregos. Embora o setor de serviços de *software* e tecnologia da informação seja o setor com maior número de projetos, com 204, não figura entre os principais como maior capital investido, com US\$ 1.488 bilhão e 15.078 empregos criados.

TABELA 8

Investimentos dos Estados Unidos no Brasil segundo setor de atividade (2003-2015)¹

Setor	Número de projetos	Empregos criados		Capital investido (US\$ milhões)	
		Total	Média	Total	Média
Serviços de <i>software</i> e tecnologia da informação	204	15.078	73	1.488	7
Serviços prestados a empresas	116	3.602	31	813	7
Comunicação	83	7.488	90	14.737	178
Química	66	6.345	96	2.872	44
Indústria de máquinas, equipamentos e ferramentas	66	7.700	116	1.816	28
Serviços financeiros	51	2.553	50	6.648	130
Alimentos e tabaco	45	7.599	168	2.734	61
Automotivo	34	22.827	671	8.030	236
Transportes	34	808	23	1.117	33
Metais	32	12.624	394	8.971	280
Outros setores	268	56.274	209	20.869	78
Total	999	142.898	143	70.094	70

Fonte: FDI Intelligence, Financial Times.

Nota: ¹ Os valores referentes ao ano de 2015 estão limitados ao período de janeiro a abril.

Os indicadores deixam em evidência que os investimentos das empresas americanas no Brasil são bem superiores em relação aos investimentos das empresas brasileiras nos Estados Unidos. Isso deve ser considerado normal tendo em vista que a análise considera as empresas da maior economia mundial e que tem empresas muito mais internacionalizadas e com maior inserção na economia global. Mas é importante considerar que com o processo de internacionalização das empresas brasileiras, o mercado americano passou a ser atrativo e estratégico, fato este comprovado pelo crescimento dos IED das empresas brasileiras nesse mercado.

Os investimentos de empresas brasileiras nos Estados Unidos corroboram com os indicadores do World Investment Report, da Unctad, que mostram um crescimento do IED dos países em desenvolvimento na economia mundial. O fato de os indicadores dos IED das empresas brasileiras nos Estados Unidos apontarem para uma dinâmica irregular e instável de crescimento e queda entre 2003 e 2015, mostra também que o Brasil contribui para a queda da participação da América Latina na saída de fluxo de IED na economia mundial e deixa nítida a necessidade de uma melhor estratégia do governo brasileiro em dar suporte para maior inserção das empresas brasileiras nesse mercado.

Por outro lado, os investimentos dos Estados Unidos continuam sendo a principal origem do IED no Brasil, e os indicadores discutidos neste trabalho ratificam essa situação, apontando para a necessidade de o governo brasileiro implementar políticas que consolidem as relações econômicas e políticas com os Estados Unidos, principalmente tentando direcionar o IED para setores mais intensivos em tecnologias e com maior inserção no mercado internacional dentro da lógica das cadeias globais de valor e a nova ordem no comércio mundial, já que muitas empresas dos Estados Unidos atuam em setores que o Brasil já tem vantagens competitivas e empresas nacionais aptas a explorarem esses setores. Ou seja, são empresas associadas a uma estratégia *resource seeking*. Nesta, os empreendimentos são compostos por setores de atividade com maior propensão a exportar e, ao mesmo tempo, uma propensão a importar abaixo da média, o que indica que são setores voltados à exportação. Nesse grupo, predominam as empresas voltadas para a exploração de setores primários ou industriais que utilizem intensivamente recursos naturais e que apresentem valores elevados para a exportação e pequenos para a importação. Esse IED que ingressa no país tem se voltado para etapas e atividades das cadeias de valores globais de menor valor e, principalmente, para aproveitar o mercado interno nos setores da indústria de transformação e de serviços.

Essa estratégia deve ser pensada e implementada mantendo a lógica da autonomia do país e a estratégia do multilateralismo. Ou seja, a estratégia de diversificação das relações econômicas e políticas na economia mundial, principalmente fortalecendo os laços com a China, não deve implicar em uma situação em que o país tenha de abdicar e se indispor com a economia americana, mas fortalecer seus laços econômicos e políticos, mantendo autonomia e fortalecimento dos setores da atividade econômica para uma inserção mais competitiva na economia internacional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, o fluxo de IED na economia mundial tem apresentado oscilações e queda, resultado da fragilidade da economia global e da correspondente elevação dos riscos e incertezas que passaram a predominar. Esse cenário afetou principalmente as economias europeias, também os Estados Unidos e, nos últimos anos, as economias da América Latina, particularmente o Brasil, com a queda de entrada e saída de IED.

Com isso, em relação aos investimentos do Brasil nos Estados Unidos, predominou uma dinâmica irregular e instável de crescimento e queda do IED entre 2003 e 2015, tanto em termos de número de projetos quanto em termos de geração de emprego e capital investido, conforme os dados analisados. Além do mais, os indicadores também apontam para a ideia de que não é a quantidade de projetos que determina o maior volume de investimentos, mas sim a proporção e relevância do projeto, fato este que leva a estatal Petrobras a ser uma empresa de grande relevância para as relações entre Brasil e Estados Unidos, tendo em vista que a empresa tem menor quantidade de projetos, mas valores que a colocam como a empresa com maior relevância entre as empresas brasileiras no mercado americano na realização de investimentos.

Em relação aos investimentos dos Estados Unidos no Brasil, identificou-se uma queda no volume de IED nos últimos anos. Essa queda acontece justamente no período em que a economia brasileira apresentou uma baixa taxa de crescimento econômico, o que torna menos atrativo os investimentos não apenas dos Estados Unidos, mas também de outros países. Além do mais, a queda dos IED no Brasil de origem dos Estados Unidos entre 2012 e 2014 em decorrência da baixa atividade econômica aconteceu também no período entre 2004 e 2006 no Brasil. Outro ponto a ser apontado como motivo/razão para a queda do IED dos Estados Unidos no Brasil é a tentativa de o país reduzir a centralidade dos Estados Unidos nas suas relações externas, buscando relações econômicas e políticas com outras nações com o intuito de tornar a política internacional mais autônoma e em defesa do multilateralismo, o que levou o Brasil a ampliar suas relações com os países da América Latina, asiáticos e africanos.

Entretanto, os indicadores deixam em evidência que os Estados Unidos continuam sendo o principal país de origem dos IED para o Brasil, além de que os investimentos das empresas americanas no Brasil são bem superiores em relação aos investimentos das empresas brasileiras nos Estados Unidos. Isso deve ser considerado normal, tendo em vista que se trata da maior economia mundial, cujas empresas são muito mais internacionalizadas e com maior inserção na economia global que as brasileiras.

Esse cenário aponta para a necessidade de o governo brasileiro implementar políticas que consolidem as relações econômicas e políticas com os Estados Unidos, principalmente tentando direcionar o IED para setores mais intensivos em tecnologias e com maior inserção no mercado internacional dentro da lógica das cadeias globais de valor e a nova ordem no comércio mundial, já que muitas empresas dos Estados Unidos atuam em setores que o Brasil já tem vantagens competitivas e empresas nacionais aptas a explorarem esses setores. Ou seja, são empresas associadas a uma estratégia *resource seeking*. Nesta, os empreendimentos são compostos por setores de atividade com maior propensão a exportar e, ao mesmo tempo, uma propensão a importar abaixo da média, o que indica que são setores voltados à exportação. Nesse grupo, predominam as empresas voltadas para a exploração de setores primários ou industriais que utilizem intensivamente recursos naturais e que apresentem valores elevados para a exportação e pequenos para a importação.

O Brasil, apesar de ser um dos principais países como maior receptor e estar entre as dez maiores economias do mundo, não figura na lista dos vinte maiores países investidores internacionais. Portanto, é importante manter uma estratégia de política externa que não renuncie a lógica da autonomia do país e o princípio do multilateralismo. O que significa dizer que a estratégia de diversificação das relações econômicas e políticas na economia mundial, principalmente fortalecendo os laços com a China, não deve implicar em uma situação em que o país tenha de abdicar e se indispor com a economia americana, mas fortalecer seus laços econômicos e políticos,

mantendo autonomia e fortalecimento dos setores da atividade econômica para uma inserção mais competitiva na economia internacional, principalmente quando se leva em consideração que os investimentos estão cada vez mais atrelados às cadeias de valor globais lideradas por empresas transnacionais, isto é, há uma clara correlação entre estoque de entrada de IED e participação nas cadeias de valor global (CVG), o que implica em refletir sobre política externa brasileira para o IED sempre associando à dinâmica da inserção do Brasil nas CGVs.

Essa reflexão sobre a condução da política externa brasileira em relação aos Estados Unidos é primordial pelo fato de que, se essa política for conduzida estrategicamente, o Brasil pode ter uma maior participação nas CGVs com potencial para elevar a capacidade técnica produtiva e sofisticar a sua matriz industrial. No entanto, se o país cometer o erro do isolamento e não direcionar o IED para setores estratégicos, pode correr o risco de manter sua inserção nas CGVs apenas por meio de atividades que adicionam pouco valor, o que contribui muito pouco para o processo de desenvolvimento econômico. Na verdade, prejudicando o país por se manter dependentes de produtos de baixo valor agregado e acentuando a dependência tecnológica, a baixa heterogeneidade estrutural e a elevada vulnerabilidade externa.

Como se observa, embora com flutuações importantes ao longo do período em análise, pode-se afirmar que houve uma reaproximação efetiva no campo produtivo-econômico entre Brasil e Estados Unidos no século XXI, não obstante o relativo distanciamento entre os dois devido a questões de ordem política vinculadas a suas agendas de política externa. Assim, o argumento desenvolvido encontra bases nos dados analisados para indicar que mesmo em tempos de afastamento estratégico na política externa em geral, Brasil e Estados Unidos construíram por meio de suas empresas relações econômicas relevantes que contrastavam com a agenda política mais ampla.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, E. A.; CAMPOS, A. C. Investimento direto estrangeiro e o desempenho das exportações brasileiras. **Revista de Economia Política**, v. 28, n. 3, p. 111, jul.-set. 2008.

IEDI – INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL. **As tendências do investimento estrangeiro mundial e a posição do Brasil**. São Paulo: Iedi, 2015a. (Carta Iedi, n. 683). Disponível em: <<http://goo.gl/omTUUU>>.

_____. **O descompasso brasileiro entre investimento externo direto e participação nas cadeias globais de valor**. São Paulo: Iedi, 2015b. (Carta Iedi, n. 597). Disponível em: <<http://goo.gl/49vHSK>>.

MILANI, C. R. S. A importância das relações Brasil-Estados Unidos na política externa brasileira. **Revista Boletim de Economia e Política Internacional**, n. 6, abr.-jun. 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/FcpU13>>.

SOBEET – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS DE EMPRESAS TRANSNACIONAIS E DA GLOBALIZAÇÃO ECONÔMICA. Cadeias globais de valor e o investimento direto estrangeiro. Primeira parte. **Boletim Sobeet**, São Paulo, ano 15, n. 97, 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/8bKp7f>>.

UNCTAD – UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT. **World investment report overview 2015: reforming international investment governance**. New York; Geneva: United Nations, 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/hvcmQC>>.

VIGEVANI, T. **Relações Brasil-Estados Unidos**. Brasília: Cepal; Ipea, 2011. (Texto para Discussão, n. 30). Disponível em: <<http://goo.gl/2XDGvO>>.